

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

18 de Setembro de 2004 • Ano LXI • N.º 1579  
Preço: € 0,30 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Ecos de África

**P**ADRE Telmo regressou e eu regresssei, não sem uma visita a Benguela, à família daquela Casa que há cinco anos não via. Embora a maioria dos rapazes seja a de então, pelas dificuldades de acesso ao mercado de trabalho (do que Padre Manuel frequentemente se vem queixando) de poucos me lembrava porque cinco anos são muito tempo relativamente à idade deles e a derradeira visita foi também uma passagem breve. Oxalá as condições mais propícias ao desenvolvimento económico que se antevêm nesta província de Angola, abram depressa pistas a actividades duradouras que ocupem e dêem sentido à vida de tantos jovens que são a riqueza e a esperança daquele Povo. Dói que uma região com potencialidades agrícolas tamanhas, que em tempos não muitos recuados permitiram prosperidade a tantos, se importem quase todos os produtos que ali eram feitos, como o açúcar e os óleos alimentares; que a pesca seja hoje actividade minorizada; que, no imediato, se assista a crescimentos numa linha de exploração das fragilidades do Povo, como são as fábricas de bebidas... É certo que o porto do Lobito conheceu renovações; que alguma indústria metalo-mecânica, sobretudo para apoio das plataformas de petróleo, começa a ter expressão; que teve início a recuperação dos Caminhos de Ferro de Benguela... Mas tudo é tão lento, tantas vezes desconexo, que não se vê quando estruturas importantes como estas, vão dar vida a este Povo tão debilitado.

No dia do embarque em Luanda, três recados: Um, saber como vai o «Amplio Movimento do Cidadão» de que em tempos damos conta nestas colunas. Do pouco que pudemos conversar; ficou a promessa do Doutor Pinto de Andrade, Reitor da Universidade Católica, de que me mandaria notícias mais abundantes. Outro, junto da Sonangol na tentativa de salvar uma ajuda para ampliação das nossas Escolas em Malanje, presente que será precioso se não for *envenenado* pela imposição de um projecto que possa ser nódoa negra naquela Aldeia linda, a coisa mais linda que há em toda a província de Malanje. O terceiro, era estar com a Irmã Palácios e a Irmã Bela, revê-las depois de tantos anos e firmar o que vai ser a presença delas como Mãe na nossa Casa de Malanje.

Elas moram no Bairro de Benfica, a 20 quilómetros do centro de Luanda. O *mundo novo*, já construído e em construção, que vi ao longo da caminhada! Um sinal de que a população de quatro milhões em Luanda é mesmo uma fatalidade para ficar!

Aqui, dois dias depois que cheguei, foi o carregamento do contentor para Malanje. A magnífica remessa de cereais que a *Nestlé* nos deu, só com pequenos defeitos nas embalagens, prazos de validade até 2005 e 2006, não pôde ser incluída por pruridos de sanidade. Não sei se é de cá, se de Angola, se dos dois lados, o impedimento da Burocracia. Sei que da última entrega que lá recebemos de uma das mais poderosas, senão a mais poderosa ONG do mundo, constava farinha de milho e farinha de soja que tiveram que ser escrupulosamente peneiradas para as libertar de bichos e outras impurezas que as infestavam. E o que restou, aproveitámo-lo, de coração ao largo pela necessidade — «e seja o que Deus quiser».

Assim vai a coerência nas relações entre Povos ricos e Povos pobres, neste mundo rico de hipocrisia.

Padre Carlos



Um grupo de rapazes, da Casa do Gaiato de Setúbal, de férias na Arrábida.

### SETÚBAL

## Formação dos jovens

**T**ERMINOU o tempo de férias para os nossos rapazes. Tal como toda a família que tem de trabalhar para viver, mesmo no tempo de férias, pois não se pode dar ao luxo de as fazer em hotéis, os nossos têm de colaborar em todos os afazeres de cada dia.

Anda por aí na mentalidade de muito boa gente, o pensamento de que os adolescentes não-de ter quem os sirva em tudo, ficando eles com o tempo todo para olharem para o umbigo. Sendo o centro de tudo e de todos, não têm qualquer função a desempenhar, antes todos não-de gravitar à sua volta e servi-los, para que cresçam no mais perfeito individualismo.

Não acredito que deva ser assim, no interesse do próprio rapaz em crescimento e da sociedade onde se integrará mais tarde.

Para nós, o rapaz é de facto o centro; existimos por causa dele; se não acontecessem situações de crianças deitadas ao abandono, não teríamos necessidade de existir como sua família de adopção; estaríamos a fazer qualquer outra coisa na nossa vida.

O rapaz tem também uma função a desempenhar na célula humana em que vive. Acreditamos que, para além da aprendizagem escolar, é fazendo que o homem se faz.

Tal como o corpo tem os seus membros, e cada membro tem a sua função, também

Continua na página 3

## Praticando o Bem

**H**Á dias em que a antecâmara do meu gabinete parece uma sala de espera de qualquer consultório, tantos são os Pobres que aguardam vez de serem atendidos.

Consensualmente, eles é que me deviam atender a mim e eu ser aquele pobre que lhes pede oportunidade de os servir a eles!...

Estaria na esteira dos homens que seguem os conselhos evangélicos!

Ir, por aí a diante!... Ver suas casas, famílias, ocupações e sofrimentos.

Mas, não. Nem capacidades nem tempo. Apetecia-me, sim, deixar tudo e

entregar-me a essa doce tarefa de servir livremente.

Como me vejo preso a responsabilidades institucionais, embora ao serviço deles, não me é possível dar largas ao coração.

Mesmo assim, sempre que posso, vou ver. Nunca dou uma quantia avultada sem me certificar bem da sua aplicação séria.

Entrou a tremor. Era uma mulher que me já havia garantido não voltar cá.

— O senhor lembra-se de mim?

— Lembro, sim senhora — respondi com alguma segurança.

A mulher sempre aqui

apareceu magrinha, mas agora o emagrecimento e a anemia tornavam-se mais evidentes.

Veio, há três meses, com uma criança ao colo contornando-me que o marido emigrara para a Alemanha e havia deixado de lhe escrever e mandar dinheiro. Agora vinha só. Depois de alguns desabaços da sua parte, tornei-me mais acolhedor e atento.

É verdade que o sofrimento alheio transforma o nosso coração de pedra em corações de carne, como diz a Bíblia! Para esta conversão e outras parecidas, não há nada mais eficaz que a

gente assumir os problemas dos outros!

Várias vezes lhe havia pago a renda de casa, numa avenida, em Penafiel.

Passo o cheque ao senhorio tornando-se seguro o destino do dinheiro. Mas é tão pesada a renda mensal (225 euros) que ameacei de não me responsabilizar mais por este encargo.

Que o marido agora voltara doente, que fora vigiarizado em mais de seis meses de trabalho e, porque adoeceu, recambiado pelos serviços sociais para a sua terra e família.

A pobre chorava e tremia. Eu também!

— Então vá à Segurança Social.

— Já lá fui, Padre. Mas elas agora dizem que não podem.

— Mas eu também não posso — retorqui-lhe.

Às vezes sou inconveniente, não consigo conter a revolta evidente das coisas.

Entendo que neste caso, como noutros parecidos, a Segurança Social devia actuar imediatamente, com eficácia e... depois... sim, exigir provas. Mas primeiro actuar.

— *Eu não volto cá. Ajude-me só mais esta vez, se não vou para a rua com a minha menina e o meu marido doente!*

Ao dizer isto, as lágrimas rebentaram-lhe abundantes de ambos os olhos!...

Para sustentar a emoção, voltei a perguntar: — Quantos anos tem?

— *Vinte e cinco* — respondeu-me sem conter as convulsões. Parecia ter cinquenta.

Passei-lhe um cheque. Sabes que mês lhe paguei? — Junho. Dei-lhe mais cinquenta euros e aviei-a de mercearia.

Mais três mães de família pediam roupa para elas e para os filhos. Temos tanta roupa que estes pedidos até nos aliviam. Levaram o que precisavam à vontade.

Um casal de idosos, na casa dos oitenta, muito simpáticos, trouxeram a incapacidade dos netos para criarem alguns bisnetos.

— *São uns desnorreados, padre, e a gente é que se dói.*

Levaram lençóis, cobertores e mercearia.

Uma mulher, alta, vestida de luto, já minha conhecida

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**DOENTES** — Na última edição houve Leitores que tomaram a iniciativa de enviar valores para atendermos catorze Pobres que precisam de remédios para aliviarem problemas de saúde. Ofertas que dão força para que Deus lhes dê hipótese de viverem normalmente.

São oito viúvas. Uma cancerosa. E mais cinco enfermos.

Vale a pena esclarecer que a factura do mês de Agosto foi de 515 euros, isto é, mais de cem mil escudos, diríamos antes da mudança monetária.

Agora mesmo, atendemos mais uma viúva com baixíssima reforma ou pensão, que trazia uma carga de receituário, superior a cem euros...! «Veja lá como a gente sente tantas dificuldades...!» A dor de quem sofre, sem ter quê!

Para as ofertas chegarem às nossas mãos, serão enviadas para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — Conferência de Paço de Sousa.

**CARISMA DO FUNDADOR** — Adiante, publicamos a parte final do trabalho dum sacerdote, integrado na Sociedade de S. Vicente de Paulo, que saiu na *Escalada*, órgão do Conselho Central do Porto:

**5. Servir os Pobres na sua realidade concreta:** «O Vicentino está ao serviço dos Pobres». (Regra da S.S.V.P.).

Em Fevereiro de 1834, Ozanam escrevia a Leonce Curnier: «Agireis directamente com os Pobres». E quanto ao modo concreto de actuar, acen-

tuava na mesma carta: «A vossa cidade tem provavelmente necessidades diferentes das da Capital; ela oferece outros recursos; os serviços de beneficência serão, aí, constituídos de maneira diferente. A própria Providência vos dará os seus conselhos pela circunstância que vos cerca». E em Fevereiro do ano seguinte, escrevia ao mesmo Curnier: «Levantareis a vossa obra (a Conferência) sob a influência das circunstâncias locais».

**6. Numa doação e entrega até ao sacrifício:** Escrevendo a Leonce Curnier, diz Ozanam: «Toca-nos a recomendar a grande obra da regeneração, mesmo que fosse necessário recomendar também a dos mártires. Ser mártir é dar a vida em sacrifício. E o sacrifício que se cumpre lentamente, que se derrama noite e dia, como os perfumes sobre o altar, é oferta que está entre as nossas mãos. Este sacrifício podemos fazê-lo. Pertence-nos escolher a que altar queremos levá-lo: se ao do ídolo do egoísmo, e ao do santuário de Deus e da Humanidade».

**7. Mediante um contacto pessoal com o Pobre:** «A S.S.V.P. esforça-se por aliviar aqueles que sofrem, aqueles que sofrem e por um compromisso pessoal». (Regra da S.S.V.P.).

«Agireis directamente com os Pobres». (Carta de Ozanam a Leonce Curnier). Escrevendo, em férias, a Bailly, Ozanam lamenta a falta de contacto directo e pessoal com os Pobres: «O tempo verdadeiramente arrasta-se; pois aqui nada faço pela gente pobre; sou um servidor completamente inútil».

**8. Abrangendo a totalidade da vida do Pobre: material, humano e de fé:** Escrevendo a

Leonce Curnier, diz Ozanam: «Tentemos descobrir as chagas do Pobre e deitar-lhes bálsamo. Façamos soar ao seu ouvido palavras de consolação e de paz. E, depois, quando os seus olhos se abrirem, coloquemo-los nas mãos daqueles que Deus constituiu como guardas e médicos das almas e que dão aos nossos espíritos errantes e famintos a palavra santa por alimento e a esperança sublime de um mundo melhor como abrigo. Eis o que nos é proposto. Eis a vocação sublime que a Providência nos apresentou».

**9. Abrangendo a totalidade dos Pobres:** «A nossa ajuda visa todos os homens, sem distinção de religião, de opinião, cor, origem e casta». (Regra da S.S.V.P.).

**10. Abrangendo a totalidade das formas de pobreza e promoção do homem:** «A sua acção compreende todas as formas de ajuda. Nenhuma obra é estranha à Sociedade. A S.S.V.P. procura não só aliviar a miséria, mas também descobrir e solucionar as suas causas». (Regra da S.S.V.P.).

**11. Formando com os Pobres uma única família:** «Formando no mundo, em conjunto com aqueles que são ajudados, uma única e mesma família». (Regra da S.S.V.P.).

Que estas notas definidoras do nosso carisma sejam, para nós, princípio de renovação e actualização.»

**PARTILHA** — Durante a última quinzena recebemos, um cheque, do assinante 53241, do Luso, com 25 euros, sua «contribuição relativa ao mês de Agosto, o qual darão o destino que acharem mais conveniente, ante as grandes difi-

culdades e necessidades dos Pobres que são assistidos pela vossa Conferência e que vós conheceis».

Outros 25 euros, do assinante 24059, de Gondomar: «Há tantos irmãos nossos vivendo situações de miséria material e doença! É altura de partilhar com eles aquilo que o Senhor com tanta generosidade vai pondo em nossas mãos. Pequena ajuda que podem aplicar como melhor entenderem, agradecendo a possibilidade de me tornar participante da vossa acção de amor e carinho pelos que sofrem».

Mais noventa euros, do assinante 20909, de Leça da Palmeira, que por aqui passa todos os anos com a sua generosidade.

E 150 euros, da assinante 57558, do Porto, com «um bem-hajam pelo vosso trabalho».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**PRAIA** — O segundo grupo já foi um pouco atrasado, mas vai dar para refrescar as ideias pois as aulas estão prestes a começar e os rapazes, de certeza, querem entrar com o pé direito na Escola.

**CURSOS** — O curso de Informática já acabou e o de Música acabará na sexta-feira. Para trás fica alguma aprendizagem da parte de cada rapaz para que o futuro lhes reserve algo profissional.

**ESTUDO** — A professora Glória já começou a preparar o ano lectivo dos rapazes da E. B. 2/3. Desde que esta senhora cá chegou, tem andado contente com algumas notas.

**OBRAS** — As obras no campo de ténis estiveram paradas, pois os trolhas foram de férias. Já estão, de novo, em andamento.

**LEITURA** — Duas senhoras estão a formar um grupo de leitura e vídeo na nossa biblioteca. São alguns os que quiseram entrar, a começar no Daniel, o mais pequeno.

**ARMÁRIOS** — Para a nossa sala de estudo vieram alguns armários para os livros, oferecidos pela Casa de Saúde da Boavista.

Rolando

**DESPORTO** — Estamos a «dois dias» da nova época. Já se ouvem algumas vozes, a dizer que vão aparecer aos treinos para ficar...! Isto porque todos os anos nos primeiros treinos, aparecem muitos, mas quando a chuva começa a cair, alguns... bastantes, ficam-se pelo sofá a ver televisão. No entanto, acabam sempre por

ficar todos aqueles que com paixão, jogam futebol. Sempre ouvi dizer que só faz falta quem está. Insubstituíveis em lado nenhum há, e então na Casa do Gaiato, a nível de futebol, não falta quem ocupe o lugar dos menos afoitos às condições, às características e à razão de ser do nosso Grupo Desportivo. Sempre disse e cada vez o afirmo com mais veemência: o nosso objectivo não é competir... mas sim confraternizar. O que é preciso é ocupar os tempos livres; conhecer bem os rapazes; falar com eles, incentivando-os para o bem e não contribuir para a confusão e destabilização. O diálogo com os rapazes é fundamental, se for no sentido de os ajudar, não falando muitas das vezes ao sabor deles, para se dar uma imagem simpática/inimiga, mas sim ter um diálogo construtivo e amigável... amigo do coração e não da ocasião.

Espero que esta época, não haja mal entendidos, e tudo corra bem, aliás, o que muitas vezes faz com que nem sempre haja harmonia, é a ambição infundada de alguns. É bom que cada um tenha consciência de que é fundamental aparecer a todos os treinos, para que todos juntos possamos fazer do nosso Grupo Desportivo o elo mais forte e de ligação entre todos.

Alberto («Resende»)

## SETÚBAL

**OFICINAS** — Já recomenciam a trabalhar. Alguns rapazes que terminaram a Escola, e quiseram ir aprender uma profissão nas nossas oficinas, escolheram uma delas. O Gerson, o Zeca e o «Dentes», foram para a tipografia. O Chambel, o Jarreta «Grande» e o «Paisinho», estão na serralharia. Esperamos que eles façam um bom trabalho ao longo do ano.

**SILAGEM** — Já acabámos a silagem do milho. Quem o cortou foi o João Correia, e quem foi buscar as carradas, o Amândio e o «Fernandinho». Quem espalhou o sal no silo: o «Alentejano», o «Resende» e eu. Enchemos um silo e outro ficou mais de meio. No fim, tapámos os silos com um plástico grande e colocámos pneus para ele não voar com o vento. Daqui a algum tempo as vacas começarão a comer deles.

**ESCOLA** — Começou para todos. Os da Primária, têm escola em Casa. Os do 2.º ciclo, vão para a Luísa Todi e para a Bocage. Os do 3.º ciclo, vão para o nosso Lar de Estudantes frequentando a Escola da Bela Vista. Outros, estão a fazer o curso profissional, na «Barreiros» e na Escola Profissional de Setúbal. O Zé António, vai para o 12.º ano. O Hélder, vai acabar o Curso de Engenharia no final deste ano lectivo.

**PATOS** — Já estão grandes. Quem está a tratar deles são os cozinheiros e os da copa. Estão bem tratados porque comem muito e têm um parque no pomar só para eles. As patas também nos dão ovos para comermos. Juntos com eles temos três gansos que, às vezes, fazem mal aos patos. Qualquer dia temos que os meter na panela. Este é o destino de todas as aves do nosso galinheiro.

**VACARIA** — O nosso boi «miranda» esteve doente durante algum tempo. Quem o tratou foi o «Miguelito», o «Fernandinho» e o sr. Rosmaninho. Agora o boi já está curado.

Nasceu um bezerro com um tamanho que nós nunca tínhamos visto. Acabou por morrer, talvez porque o caracão não resistiu pelo tamanho do animal.

As nossas vacas dão leite todas as manhãs e tardes na nossa sala de ordenha. O «Miguelito» é quem tira o leite, e anda satisfeito pela produção das vacas.

Horácio

## MIRANDA DO CORVO

**AGRICULTURA** — Depois do milho despontado e a ponta espalhada, iniciou-se a desfolhagem do milho, que ainda esta semana foi terminada, e as nossas terras ficaram limpas da folha para que mais tarde seja facilitada a tarefa de colher a espiga.

Também o feijão foi apanhado, depois de um grupo de rapazes mais velhos terem posto as canas do feijão em monte, outro grupo de rapazes mais novos começaram a separar o feijão das canas e estas foram arrumadas devidamente no seu lugar e o feijão levado para a casa por cima das galinhas onde, mais tarde, o mesmo grupo foi descascá-lo.

Depois da terra ter tido cebola e feijão, foi novamente lavrada e já está ocupada por 40 centos de couve que nos servirão para a sopa e muito mais.

**OFERTAS** — Durante estes quinze dias ofereceram-nos algumas coisas: roupas, livros e alimentos, mas entre elas quero destacar a grande quantidade de leite trazido por uma Casa de apoio social de Sever do Vouga. Foram 1081 litros de leite que já nos começava a fazer falta, pois somos na maioria crianças, e uma criança não pode dispensar o leite.

**DESPORTO** — Depois de umas longas férias sem fazer treinos de futebol, vamos reiniciar os treinos com duas equipas e com mais alguns jogadores, mas para isso são necessários mais equipamentos, chuteiras e bolas, principalmente.

## Experiência de chefe

São dezanove, mas, há três anos, quando iniciei a minha caminhada como chefe, eram mais.

Depois de um 12.º ano em que ficou uma disciplina por concluir, o nosso Padre Carlos pediu-me que tomasse conta destes pequenos por ter apenas essa mesma disciplina no ano seguinte, e, assim, dedicar o meu tempo extra-curricular à Casa e aos meus irmãos.

Por ser imaturo e algo ingénuo, o meu início de caminhada foi um pouco atribulado, pois é natural em rapazes desta idade (10-15 anos) uma certa libertinagem e irreverência, na maior parte dos casos fruto das suas origens, do seu passado.

Contudo, e com o passar do tempo, adquirir alguma experiência e estudei cada rapaz para perceber como lidar com ele e encaminhá-lo para um projecto saudável tanto do corpo como da alma, da consciência. Nesta idade eles são

espertos e arranjam mil e uma maneiras de atingir os seus fins, mas também fui criança e agi como eles agem hoje.

Já com o nosso Padre Acílio na direcção da Obra da Rua e «Pai» nesta Casa do Gaiato, tive que me ausentar durante um ano por motivos escolares e senti bem no fundo a saudade deles; saudade de frases como: «Tiraram-me o champô!» «Empresta-me a chave para abrir a porta!», ou «É preciso papel higiénico e lixívia!»

Até a minha alcinha tive saudades de ouvir!

Regressei nas férias com mais tempo e disponibilidade por ter de mudar de curso.

Hoje continuo a minha caminhada, o meu crescimento, com bastantes lacunas — é certo — mas ao longo destes anos adquiri algum discernimento e experiência de vida que me servirá no futuro, pois foi com eles que pude experimentar a alegria de chegar ao fim de um

dia e vê-los a dormir descansados, aconchegá-los; de rezar a oração da manhã (com algumas caras mal lavadas ou por lavar!); de vê-los na sua higiene pessoal, a lavar os dentes, os pés; de vê-los e ensiná-los a fazer a cama; de vê-los a arrumar, a brincar nos matreiros, no futebol, na televisão. Vivi também momentos menos bons, mas momentos em que todos crescemos; quando tinha de repreender algum ou mesmo dar um puxão de orelhas ou ainda de qualquer outro tipo de traquinices que os desviasse do sentido da verdade, justiça ou respeito pelo próximo, pelo irmão; e neste campo era muito importante actuar e educar de maneira a que eles ganhassem afeição pelos seus colegas, pelos mais novos e pelos mais velhos, assim como, pela sua Casa; Casa que lhes pertence e devem preservar. De qualquer forma o arrependimento vinha logo a seguir, e perdoava... e era bom vê-los sorrir!

É uma experiência única e gratificante! Cresce-se tanto!...

Almeidinha



# Setúbal

Continuação da página 1

conosco é assim. Um membro que deixe de ter actividade acaba por ficar atrofiado.

Virá daqui a causa de um dos males que afecta as crianças dos nossos dias — a obesidade. Entre nós ele não existe; a actividade permanente como eles gostam, o desporto quanto querem, no muito espaço e diversidade de actividades, fazem

que os nossos sejam sempre dos melhores classificados nas disciplinas escolares de Educação Física.

Não tem por isso mal nenhum, antes pelo contrário, que a função de cada qual tenha em vista, para além da formação pessoal, o bem-comum na comunidade a que pertence.

Aliás, na vida em sociedade, cada indivíduo deve estabelecer sempre com ela esta dupla relação, de reci-

procidade — dar e receber. Como poderá ter o sentido do social aquele que foi educado para uma vida narcisista?

Há pois necessidade de

conjugarmos na formação dos jovens, estas duas perspectivas: a sua centralidade no receber e a sua acção funcional no dar.

Padre Júlio

## Correspondência dos Leitores

«Envio uma pequena gota para tão grandes e necessárias despesas. Como custa o despreendimento!... Não sou rica e ultimamente tenho tido problemas sérios de saúde que, graças a Deus, a Medicina já vai controlando. No entanto, fica-me sempre a dívida se não poderia dar mais!... Mas, enquanto viver a Obra da Rua estará no meu coração.

Peço que na vossa corajosa doação vos lembreis de nós que somos tão fracos, nomeadamente no que diz respeito à fé, quando falta a saúde.

Assinante 5145».

**PEDITÓRIOS** — O nosso Padre João continua com os peditórios e depois de S. Martinho do Porto, passou por S. Pedro de Moel. É deste roteiro, cansativo pelas praias do Sul, que vem o dinheiro para a luz, água e alimentos precisos, mas ainda há dívidas de obras e construções a liquidar. Por isso não se pode parar de espalhar a vida de Pai Américo pelas pessoas que também sofrem conosco esta grave crise económica por que passamos.

Enquanto o nosso Padre João está com os peditórios, o Padre Francisco vem cá celebrar a Eucaristia e aproveita para confessar alguns rapazes, pena é que sejam poucos os que vão de livre vontade.

**ANTIGOS GAIATOS** — Este ano os antigos gaiatos de África, residentes em Portugal, escolheram encontrar-se em Coimbra no nosso Lar, para lá passarem o fim-de-semana em grande festa e a lembrar os velhos tempos em África e os seus petiscos, é claro!

Também vamos receber em nossa Casa, no dia 5 de Setembro, o encontro anual dos nossos antigos gaiatos.

Adriano

## TOJAL

**VERÃO** — O que é bom acaba rápido!

Terminaram as férias, o pessoal divertiu-se bastante e aproveitou-se também para reflectir para o que correu mal durante o ano escolar. Agora, vamos tentar entrar com o pé direito para que este ano seja melhor do que o passado.

**A NOSSA CASA** — Com muito gosto, os nossos rapazes estiveram a pintar a casa três e quatro. Pintou-se também a frente do refeitório. As casas de banho também foram restauradas e o chão das salas de estar em azulejos. Ficou muito bonito! Entretanto, restaurou-se também o chão da escola primária.

**GADO** — Tivemos algum prejuízo. Durante a noite o nosso curral foi invadido por cães vadios e mataram treze ovelhas em duas noites. Três apareceram mortas sem alguma justificação.

**AGRADECIMENTO** — O muito obrigado a todos os amigos que conosco partilharam os seus momentos, tristes ou alegres. O muito obrigado tam-

bém ao restaurante *Sheraton* que, todos os anos, se disponibilizam para almoçar conosco.

## Palavras oradas

*Na vida e na morte*

*Na terra como no mar*

*Na guerra e na paz*

*Na doença como na saúde*

*Não percas em mim a confiança.*

*Ainda que não haja arco-íris*

*Mesmo que as estrelas do Céu*

*[se apaguem*

*E o vulcão tomar conta do Planeta*

*Os pássaros deixarem de cantar*

*Não me abandone jamais.*

*Na tristeza e na alegria*

*Na verdade como na mentira*

*Na tempestade como na bonança*

*No cântico como no silêncio*

*Não deixes de ser meu amigo.*

*Hoje o mundo é de neve pura!*

Abílio Pequeno

## LAR DO PORTO

### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Estamos a viver um período bastante conturbado: a vida está cada vez mais cara, os nossos reformados, que recebem uma pensão tão escassa, sentem-se impotentes porque com a sua saúde fragilizada, obriga-os a ter na sua hora da refeição medicamentos para os manter de pé, só que as suas refeições não compensam, são fracas, e a maior parte deles só conseguem ter uma sopinha à mesa.

Uma das nossas velhinhas faleceu; ficou a irmã e o sobrinho, família muito doente e com muitas carências. Vivem em péssimas condições.

As nossas gémeas já estão crescidinhas, os pais são um exemplo; sempre preocupados com o bem-estar das filhas, tentam sempre estar atentos.

No entanto, temos outra família que está a passar dificuldades, mas aqui há um certo desequilíbrio familiar: o marido pouco contribui para a casa, a nossa confrade está atenta, mas pensamos que a situação poderá melhorar, até porque esta família tem uma abertura muito grande com o casal que os visita; por isso, esperamos que Deus abençoe esta família.

Temos outra família totalmente descontrolada: os confrades que a visitam têm tido

muitas dificuldades para controlar a situação, porque ela é uma mulher muito marcada pela vida, revoltada, pouco humilde. Tem três filhos, o companheiro é uma pessoa que pouco ou nada colabora. Sabemos que é uma situação em que teremos de ter muito cuidado porque se esta mulher não for acompanhada por alguém que lhe dê bons conselhos, as coisas podem complicar-se mais. Por este motivo é que os nossos confrades dão um pouco mais de atenção, até porque a nossa preocupação são as crianças.

Ao longo destes anos temos deparado com situações muito difíceis dos nossos Pobres. Algumas conseguimos resolvê-las, mas há outras em que nos sentimos impotentes. Daí que sintamos, por vezes, uma certa frustração, porque temos famílias que por muito que tentemos ajudá-las a encontrar o caminho que entendemos ser o mais correcto, não colaboram. Por vezes temos a sensação que já estão viciados neste modo de vida, que o facto de terem dívidas já não é muito importante porque contam com alguém que lhas há-de pagar ou perdoar. Infelizmente, a nossa sociedade está cheia de dívidas. Compram tudo às prestações e quando dão conta, o salário é só para pagar empréstimos. Mas o pior é quando um fica desempregado, as suas dívidas caem num poço sem fundo, não sabem fazer contenção nas despesas. Estamos a viver um período de excessivo consumo.

Sabemos que os vossos donativos são para ser encaminhados para ajuda nos alimentos, medicamentos e outras necessidades. Por isso é também o nosso trabalho — ajudar aqueles que precisam, mas não sustentar vícios. Somos exigentes no nosso trabalho.

No tempo do nosso querido Pai Américo, ele dizia: «A pobreza dos nossos campos é mais grata e mais piedosa. Tenho verdadeira inveja quando vou por aí fora ouvir o relato dos visitantes, saber das suas horas deliciosas em casa do Pobre, para onde vão à beira dos passarinhos por sobre os campos de sementeira!

É tão negra, tão suja e tão viciosa a Miséria das cidades! Dá-me ganas, por vezes, de abalar para as aldeias, se não fosse o lucro que me vem, de fazer o que tenho feito colher, com uma esmola, duas alegrias: a do visitador que dá ao Pobre em casa dele e a do Pobre que a recebe das suas mãos. Dois coelhos mortos com um só tiro — regozijo de caçador!

*Vem, serás coroado!»*

Estas mensagens de Pai Américo são, para nós, uma lição de amor, dão-nos força para continuarmos a nossa caminhada.

Contamos com a vossa ajuda.

**DONATIVOS** — Amiga, da Régua, 50 euros. Francelina, idem. Assinante 33275, o habitual cheque. Angelina Silva, vale de 20 euros. Amiga, de Fiães, a habitual migalha. Amiga, de Arouca, 20 euros. Assinante 7769, roupas e 50 euros.

Casal vicentino

## ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

Nesta Casa que é vossa e de todos nós, estou notando um afastamento da maioria dos antigos gaiatos. Não sei qual o motivo, mas gostaria de sabê-lo da vossa boca para podermos mudar o que está mal, para que continuemos a ser a grande família que somos, qual desejo de Pai Américo.

E como tal, espero que nos unamos cada vez mais e nos esqueçamos dos velhos problemas que tivemos no passado.

Nós, os que temos família com netos, sabemos como é difícil orientarmos a nossa casa, por isso peço a todos os antigos gaiatos que não deixem de frequentar a nossa sede, sita ao pé do Estádio do Bonfim, Avenida Independência das Colónias, 8.

No momento em que escrevo, mais uma notícia triste, pois a nossa sede voltou a ser assaltada, da qual foram furtadas várias coisas que nos fazem muita falta.

No dia 12 de Setembro, os Órgãos Sociais vão realizar uma reunião muito importante, pois vamos falar sobre o cinquentenário da nossa Casa do Gaiato de Setúbal, uma data que nenhum de nós podemos esquecer, pois esta não pode ser ignorada por ninguém, nem por aqueles que querem denegrir o valor que as Casas do Gaiato têm, visto ser uma Instituição com provas dadas a todos os níveis.

Peço muita ajuda a todos os membros dos Órgãos Sociais, que me ajudem a levar este barco a bom porto.

Análido Gonçalves

## DOCTRINA



O êxito das obras sociais consiste no segredo divino de as tornar humanas

NÃO vai muito longe que eu recebi uma oferta de 20\$00 em carta discreta, a dizer que era a multa de um chá de família: «Eu também quero pagar a cota que devo a essa Obra». Cota modesta, de um chá seguramente modesto e frequentado por gente de primeira linha, a julgar pelos sentimentos de quem ofereceu e convidou.

**POR** muitos títulos me alegrou esta oferta. À força de ver os soalheiros distintos da cidade, eu cuidava que tinham passado os tempos do chá servido em família por boas donas de casa, em prata da casa, que nenhuma outra é capaz de substituir. Cuidava, sim, mas felizmente enganai-me. No pavoroso desmoronar universal, ainda há quem saiba resistir ao importado «five o'clock tea» dos folhados corantes, das conversas inúteis, da exibição desmarcada e do nenhum respeito pelos que trabalham e sofrem. Sim, ainda há na nossa terra baluartes de genuína vida portuguesa. Bem-haja, minha senhora, pela oferta e pela lição. Quem dera que as mães e as mulheres de Portugal a recebam humildemente e sejam mais sóbrias, mais recatadas, mais compassivas. A senhora Maria da Anunciação, uma viúva muito digna, mãe de oito filhos, a quem uma doença incurável levou aos últimos degraus do calvário, essa heroína sem par, tão pobre que nem sequer tinha quem lhe lavasse a roupa, deixou-me este recado à hora da morte; e eu cumpri hoje a minha missão. Em nome dela, em nome de todos os nossos Irmãos que sofrem, menos «soalheiros chiques» e mais amor.

A maré cheia das nossas praias e termas começou nos primeiros dias do mês de Julho. A todos quantos necessitam do benefício das águas por falta de saúde, ou do benefício do repouso por excesso de trabalho, cordialmente desejo o melhor aproveitamento. Já tenho lugar marcado no Casino da Figueira da Foz. Espero a cada momento uma notícia alegre do Casino de Espinho. Sei que andam amigos empenhados no da Póvoa. As termas de Vidago já içaram o sinal de porto franco. Luso e Buçaco são terrenos conquistados. Pois bem; a todos estes sítios hei-de ir ler a Mensagem divina do primeiro Mandamento e pedir a cada um a «multa» das suas férias. Não vais escutar o clássico conferente a ler as pautas do seu «trabalho magistral», como a imprensa costuma pôr no dia seguinte. Muito menos o famoso orador sagrado, com sua estola de ouro sobre rendas preciosas. Vais ouvir um pai de família a pedir pão para os seus filhos — e isso basta. O êxito das obras sociais consiste no segredo divino de as tornar humanas.

O sacrifício de cada hora é parte integrante destas obras. É necessário afrontar o calor e o frio das estações, o incómodo das viagens, o fiasco dos peditórios, as amarguras da crítica, a dureza dos argentários — tudo quanto repugna ao nosso ser e dificulta o nosso ideal. Todo aquele que dentro das chamadas obras sociais pretende fazer e na verdade faça obra humana, torna-se por isso mesmo, e só por isso mesmo, o revolucionário do seu tempo. Revolucionário pacífico, equilibrado, fervoroso, penitente, muito feliz. Trata em tudo e por tudo com o Pai Celeste! Leva na alma a paixão do Evangelho e indica ao mundo a beleza de Cristo — mas Cristo Crucificado.

**VOU** pedir por essas praias. Vou falar na Obra da minha devoção. Compreendo que tem de ser assim, com estas experiências amargas e desânimos de todos os dias, que as paredes se hão-de erguer. Ninguém me deve nada. Não tenho títulos para exigir. A minha chapa de mendigo, se em verdade não é estigma, também me não dá direitos. Os obreiros do Evangelho caminharam sempre naquela Luz e vivem daquela verdade que vem do próprio Evangelho. Irei pedir. Porém, uma das grandes mágoas que eu guardo no meu peito, é esta necessidade dura que o mundo me impõe. Não a sinto por minha causa, mas sim pela dos teus filhos e dos teus netos. Dentro daquele mesmo raciocínio límpido e equilibrado, confesso publicamente que a maior cegueira dos homens é justamente não verem que para uma Obra desta natureza, não devia ser necessário pedir; que, se para grandes males aparece o grande remédio, todo o mundo se deve levantar, dar um passo à frente e declarar a sua unânime presença. Devia ser Obra de todos, desde que está em jogo o interesse espiritual de todos. Sim, digo espiritual, porquanto os povos não valem pelo que têm, mas sim pelo que são.

**HOUVE** tempo em que eu tinha grande aceitação diante de um senhor rico; muita aceitação. Desde o dia, porém, em que ele me ouviu dizer no supedâneo do Altar a verdade caseira, de que pode muito bem chegar a ser possuidor sem honra o que não soube distribuir pelos Irmãos, desde esse dia, risquei: «Nada... que ele é perigoso!» Se é perigoso quem denuncia o mal, que dizer de quem o comete?

*O. Amia - 5!*

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

## TRIBUNA DE COIMBRA

## Urge regressar com Pai Américo

**O**NTEM, foi o último peditório deste ano, na praia de S. Pedro de Moel. O tempo estava mau e afastou a maré dos veraneantes. Notavam-se, contudo, ainda muitas casas, vivendas e pensões com bastante movimento. Das três Missas dominicais, só a das 12 horas mostrou uma assistência significativa. Foi nela que «despachámos» um bom número de livros: *Padre Américo, O Destino de uma Vida* e angariámos um significativo número de assinaturas d'O GAIATO. No próximo ano voltaremos lá mais cedo... Em tempos, o Padre Horácio e, com ele, a Obra da Rua, contava ali com uma excelente «colónia» de amigos vindos de vários lados do País, principalmente das Beiras. Nós deixámos de aparecer e «quem não aparece esquece», como bem o nota a sabedoria popular... Retomar a tradição torna-se agora mais difícil. Para nós é tanto mais necessário e

oportuno — até porque deixámos de distribuir o Jornal na praia — regressar e aparecer. Assim faremos.

Num tempo em que a memória das coisas e das pessoas boas parece enfraquecer cedendo lugar ao imediatismo e sensacional, urge regressar de novo com o Padre Américo. Ele continua a ser uma referência questionante e interpeladora do muito que há a fazer pelos Pobres e das omissões dos poderes instituídos, nesta área. Padre Américo não pode deixar de ser o mote da nossa reflexão, na altura apropriada da Missa, a Homilia. A sua vida, o que disse, denunciou e a Obra que deixou e que perdura deixou Portugal mais rico e solidário. Ela é espelho do amor de Deus que em cada Domingo nos convida, em cambiantes diferentes, sempre ao essencial: Amar a Deus sobre todas as coisas, a refrear o apego doentio e insensato aos bens do mundo e amar o Próximo como a si mesmo.

A esmola, a oferta material, é também um sinal que Deus aceita quando expressa a conversão do coração ao Seu amor e ao amor do Próximo. Neste sentido foram milhares de sinais, de «luzes», que muitos acendem no seu coração e no coração desta Casa do Gaiato. Gostámos de estar em todos os lados. Matar saudades!, pois o peditório é também reencontro da família que somos: Praia de Mira, Tocha, Luso, Figueira da Foz, S. Martinho do Porto e S. Pedro de Moel. Em todas as Comunidades o mesmo carinho, apreço e respeito pela acção da Obra da Rua. Nem de todas vem o mesmo valor material. Não pode vir. Na Figueira da Foz, S. Martinho do Porto, encontra-se gente com mais possibilidades, sente-se e vê-se. Mas o que vale de verdade é o amor com que se reparte. Para esse gesto vai sempre, direitinho, o olhar de Deus. Que Deus o abençoe.

Padre João

## BENGUELA

## Centros infantis

**Q**UEM me dera ver os bairros que cercam a nossa Casa do Gaiato de Benguela com centros infantis acolhedores. As crianças, desde pequeninas, andam à deriva, misturadas com o pó dos caminhos. São milhares, entregues a si mesmas, que os pais, quando os têm, vão cada um para seu lado à busca do bocadinho de pão, para não morrerem de fome.

A cidade do cimento e do asfalto esburacado é atendida por colégios particulares, com áreas que chegam às primeiras idades, e um ou outro centro oficial. Só os filhos de quem pode pagar gozam do direito que é devido a todas as crianças. São uma minoria escandalosa. E as que nada têm? Onde está o coração da Mãe, aberto para acolher gratuitamente os filhos mais pequeninos e mais queridos da sociedade? Não estranheis esta linguagem. Todas as crianças merecem os primeiros lugares. Mas, as mais pobres, as mais miseráveis, têm direito a uma atenção especial. São as preferidas, sem prejuízo para ninguém. Quem dera assim fosse!

Por isso ando inquieto. O nosso centro infantil com algumas dezenas de crianças, desde bebês aos primeiros anos, está em instalações provisórias.

O lugar definitivo deve ser no centro do bairro, ao cuidado dos responsáveis da comunidade. Mesmo assim, é o espaço onde se respira carinho, ternura, esperança, certeza de uma vida melhor do que a das outras crianças que nada têm. Há momentos, a Teresa, na sua azáfama de mãe de família, perguntou-me se podíamos dar-lhes mais um suplemento alimentar. Respondi que lhes dêssemos tudo o que podemos dar. Estamos a abrir as portas para a vida a esses pequeninos, libertando-os da subnutrição, para que possam entrar na escola e receber a preparação para a vida digna de toda a pessoa. Pobres crianças, de braços estendidos e o coração à flor da pele para sentirmos o seu palpitar bem junto ao nosso coração! Estou a falar para todos os que nos acompanham nesta estrada que nos é muito querida.

Gostei de ver, juntamente com a Teresa, o trabalho que as Irmãs salesianas estão a fazer no Bairro dos Navegantes. Estão plantadas onde os mais pobres estão plantados também. Da América Latina, onde também há problemas gritantes no campo social, trouxeram sua experiência, purificada e animada na fogueira do coração sempre vivo de D. Bosco. Ah, quem dera a fidelidade ao carisma original do fun-

dador se tornasse cada vez mais escandalosa, pelo impacto social junto dos miseráveis e dos Pobres! Que a história não deturpe!

A Igreja é Mãe. Foi assim que aprendi a chamá-la. É preciso mostrar o seu rosto em toda a parte e a toda a gente. Quando perguntava aonde está o coração aberto da Mãe para acolher gratuitamente os filhos mais pequeninos e mais queridos da sociedade, estava a pensar nela. Ninguém como ela é capaz de ir tão longe. Mas precisa das pernas, da cabeça e do coração dos seus filhos. Ela disse bem alto que, antes de mais, queria ser a Igreja dos Pobres, sem excluir ninguém. O destino dela é o destino do seu Fundador. O destino dos seus filhos é o destino do Mestre. Que ninguém deturpe. Ele é o mesmo de ontem, de hoje e de sempre.

Estou a ver uma luz, lá longe, no fundo do túnel. Estou a ver uma casa grande, pobre, mas bem adequada para acolher as crianças da primeira idade. Primeiro, as que andam por aí à deriva, misturadas com o pó dos caminhos. Conheço-a bem. Encontrei-me nela há mais de quarenta anos. Acolheu-me na primeira noite que dormi no vale do Cavaco. Está lá, de pé, bastante bem conservada. Está destinada a coisas grandes. A primeira é o serviço aos mais pequeninos que ainda têm família e nada mais. Quem me dera este sonho seja realidade, em breve! Quem vai tomar conta? Está no segredo do Pai. Ele vai dizer, quando a hora chegar.

Padre Manuel António

## PENSAMENTO

A Caridade jamais se rebaixa, por muito se humilhar; e possui tal poder que em qualquer parte desponta.

PAI AMÉRICO

## PÃO DE VIDA

## Renunciar

**A** memória do 11 de Setembro de 2001, a crise no Sudão, a dolorosa tragédia dos inocentes, na Rússia, e a afronta do *barco do aborto* são sinais graves de problemas que obscurecem o horizonte do nosso tempo.

Lançar sementes de esperança activa passa pela defesa da vida humana, como tesouro vivo, desde a concepção até ao seu termo natural. É uma urgência permanente, que não deixa enfraquecer, mas exige dedicação diária na nossa esfera de acção.

S. João Crisóstomo lembra que honrar o Corpo de Cristo é não permitir «que seja desprezado nos seus membros», especialmente os mais débeis, os mais pequenos.

A prioridade do amor a Cristo revela-se na renúncia aos bens e até à própria vida, para ser discípulo de Jesus.

Serve-nos de testemunho, recente, pelo seu sacrifício, a bem-aventurada Joana, mãe cristã e médica pediatra: «É pecado matar no seio materno. Não o consentirei nunca». Faleceu depois de ter dado à luz uma menina.

Entretanto, multiplica-se a corrida às embalagens para evitar a fecundidade. Milhares de novos seres não chegam a ver a luz, pois muitos são abortados também em Espanha. O narcisismo maligno tem contaminado as mentalidades. O apoio eficaz à natalidade e à maternidade vale menos do que a tirania do consumismo e do sucesso.

As nossas famílias são constituídas com o acolhimento de rebentos de muitos dramas familiares. É pena que surjam pedidos, tardios, de adolescentes, que andaram perdidos desde a infância. Têm vindo, à procura de emprego, em vão, técnicos e professores, porque decrescem os alunos, nas escolas.

A preparação consciente do Matrimónio, na base da verdade e do amor à vida, está na linha educativa dos nossos rapazes. A vida familiar fecunda é uma pedra angular da Igreja e do mundo.

A vertigem do imediato pode cair, de forma sub-reptícia, na vida das nossas Casas, se não remarmos contra a maré. A renúncia aos perigos é uma das advertências do quotidiano.

Não é construtivo deixar esmolas que os podem desviar. É um mal, com aparência benéfica. Das ruas trazem hábitos negativos que demoram a erradicar. Os avisos da rotulagem não os fazem temer.

Alguns, mais atrevidos, refugiam-se para fumar. Muito cuidado! Entre as novas dependências, há até pastilhas para esterelizar pessoas, distribuídas em discotecas e afins.

O Jorge, «Gordinho», não lavou a louça e desertou, comprometido, com a mão agarrada ao bolso, escondendo tabaco. De facto, algumas nuvens de fumo causam-nos embaraço.

Nestes dias, deslocamo-nos amiúde, por via de frutas e laticínios. Eles têm muito apetite e as horas das refeições são movimentadas.

O trabalho e a diversão exige, primeiro: dar de comer! Porém, quando os estômagos se enchem demais, é difícil anunciar.

Uma consagrada, de passagem para a missão *ad gentes*, frisou a necessidade da renúncia ao supérfluo, para ir ao encontro das pessoas.

Bom seria que estes jovens aprendessem a cultivar a importância do amor à vida humana. E não estragassem alimentos, indispensáveis a tantas crianças que querem viver, na sua família, em paz.

Padre Manuel Mendes

## Praticando o Bem

Continuação da página 1

por vir aqui, entrou na sua vez. Tem o marido doente, oito filhos, um com deficiência. A renda da casa é o tormento mensal que a impele. Estes Pobres não enganam. O sofrimento não se finge.

Mais outra mãe com três filhos. Vieram a pé, de longe. Ao que os Pobres se

obrigam, quando há imensa gente a regalar-se nos dias que correm!

No mês passado o marido trabalhou seis dias. O dinheiro é para o tabaco, bebidas e comidas para ele, que para os filhos e a mulher manda-lhes fazer caldo.

Porque os filhos passam fome e foram denunciados, a Comissão de Protecção de

Crianças e Jovens ameaçou a mãe de lhes tirar os filhos.

Hoje os Pobres estão sujeitos a grandes e injustas pressões.

O dever desta Comissão, porque ligada ao Ministério da Justiça, seria obrigar o pai ao trabalho e a entregar à mãe, todos os meses, x para o sustento da família. Assim acreditaríamos em tais comissões. De outro

modo semeia-se o descrédito e o desespero.

Paguei-lhe a luz de dois meses e a renda de Maio e Junho (304,78 euros).

— *Prometeram-me o «arrendamento» mínimo — dizia ela — estou à espera desde o início do ano. Pode ser que ele venha e não precise de o maçar mais!*

Que assim seja!

Padre Acílio